

Mudar o olhar para mudar o mundo
Fundação Betânia, 3 Fevereiro 2007

“É o olhar que salva. O amor é o olhar da alma.”
(Simone Weil)

Este tema é um desafio para todos nós – para mim, também. Por circunstâncias várias, vivo, vivemos tempos de alguma preocupação, de incerteza quanto ao futuro, de receios... A situação do país e do mundo são motivo de apreensão... Portugal não sai da crise económica e muitos dos nossos concidadãos só o são formalmente, pois não têm emprego ou casa digna ou dinheiro suficiente para comer... O mundo, esse, permanece em muitos campos um terreno fértil de infelicidades e injustiças, de receios quanto ao futuro – no clima, na guerra e na paz, no desenvolvimento de todos.

Mudemos, agora, o olhar. Nunca como hoje Portugal foi um país tão capaz de integrar todos e possibilitar a todos uma vida digna. Apesar de tudo, vivemos com muito mais conforto e bem-estar do que há décadas atrás. No mundo, nunca houve tanta gente a lutar pela solidariedade, pelos direitos humanos, por uma mais justa repartição dos bens. Muitas instituições, organizações e pessoas desenvolvem trabalhos de solidariedade em campos como a saúde, educação, desenvolvimento rural, infra-estruturas, regeneração urbana, inclusão social, segurança alimentar, acesso a água potável, desenvolvimento ecologicamente sustentado, micro-financiamento...

O mundo, afinal, é também um lugar de bondade.

Devemos, então, aprender a mudar o olhar, como sugere o título deste encontro. Só assim poderá mudar o mundo. Frases como “isto é sempre o mesmo” ou “está tudo cada vez pior” deveriam ser banidas da nossa gramática. Senão, onde deixamos a esperança?

O irmão Roger, de Taizé, escrevia: “Das provações, Cristo pode fazer nascer uma audácia viva, que nos permite ser criadores com Deus e assumir os riscos da fé. Cristo vem atravessar fragilidades, fracassos e noites interiores. Ele transforma as provações e, ao longo da nossa vida, vai-as transfigurando.”

O próprio irmão Roger viveu essa transfiguração. Nascido no interior de uma família protestante, foi a atitude – ou o olhar – da sua avó que o levou a construir o sonho de Taizé, de uma comunidade que vivesse a parábola da confiança. A sua avó tanto entrava na sua igreja como numa igreja católica – num tempo em que isso dava direito à exclusão imediata do grupo. Mas o risco que ela correu fez com que o neto, anos depois, transfigurasse o seu olhar – e, com isso, ajudasse à transfiguração de muitas outras vidas.

Proponho, então, o verbo transfigurar. E proponho outras quatro histórias de pessoas que fizeram essa mesma experiência.

1. Elias Chacour, que põe os inimigos a olhar-se nos olhos (*)

Em 1982, Elias Chacour era padre da Igreja Melquita em Ibillin, na Galileia (norte de Israel). Via todos os dias as crianças palestinianas na rua, que não aprendiam a ler e a escrever – algumas por não terem dinheiro para pagar os livros e material escolar, outras por viverem em aldeias longe da escola mais próxima sem possibilidades de se deslocarem. Sentiu então “a responsabilidade de construir uma escola” na aldeia. Mesmo sem licenças, começou a construção. Duas décadas e meia depois, essa escola deu lugar a um complexo de ensino com 5.000 pessoas (cerca de 4.500 alunos). São muçulmanos, judeus israelitas, drusos e árabes palestinianos cristãos de diversas

denominações. O próprio padre Chacour assume em si mesmo essa múltipla condição de ser palestino, cristão melquita e cidadão israelita – o primeiro, aliás, a ser eleito bispo católico (escolhido pelo sínodo da sua Igreja, em Fevereiro de 2006).

Elias Chacour nasce em 29 de Novembro de 1939 em Bar-am, no seio de uma família cristã, palestina e árabe. É o mais novo de cinco irmãos e uma irmã. A sua aldeia, povoação israelita junto à fronteira com o Líbano, no norte da Galileia, era pobre, maioritariamente cristã.

Três anos depois da fundação do Estado de Israel, em 1951, os habitantes da aldeia são forçados a sair, por alegadas razões de segurança. Quando regressam, vêem a povoação completamente destruída pelos militares. A sua é apenas uma de 460 aldeias destruídas e população deportada. Ao invés de o incitar à revolta e ao ódio, o facto leva Chacour a decidir trilhar um caminho de pacificação e de luta não-violenta nos conflitos da região.

Ordenado padre em 1965, Elias Chacour irá depois para a Universidade Hebraica de Jerusalém. Contacta com judeus, estuda hebraico, aramaico e sírio, lê a Torá e o Talmude, torna-se o primeiro árabe a obter um grau superior na instituição. Em 1970, organiza, com outras pessoas, uma grande marcha pela paz. Mas o “Setembro Negro”, com o massacre dos atletas israelitas em plenos Jogos Olímpicos de Munique, deita por terra esse movimento.

Depois de dois anos em várias cidades da Europa, Chacour regressa a Ibillin, onde acaba por criar a escola. A intuição de Elias Chacour foi olhar para a realidade de violência que o envolvia e perguntar: “Devemos concentrar-nos nos obstáculos que os radicais criam ou ajudar a maioria da população, que é pacífica, a viver pacificamente?” Chacour escolhe a segunda opção.

A Mar Elias torna-se uma experiência de aprendizagem da convivência pacífica no meio do conflito. Ali, ensina-se em árabe, inglês e hebraico, desde o pré-primário à universidade. Esta, criada em 2003, tem mais de uma centena de alunos e é a primeira universidade muçulmana, judia e cristã (a ordem é arbitrária, diz Chacour) de todo o Médio Oriente. Tem o objectivo de promover as relações israelo-árabes.

O agora bispo Chacour entende que cada um tem igual dignidade radicada no facto de ter nascido pessoa: “Nasci como bebé, à imagem e semelhança de Deus – nem mais, nem menos. Os judeus também nasceram bebés, à imagem e semelhança de Deus. É bom para eles terem uma pátria e liberdade de expressão, mas não se isso significa que outros sejam desalojados e não tenham liberdade de expressão. Todos somos crianças humanas de Deus e todos cometemos erros. No entanto, também somos chamados por Deus a viver juntos em paz e a partilhar tudo o que Deus nos deu.”

Essa dignidade radical do ser humano traduz-se ainda na história da mãe palestina que chama o seu filho, que brincava com uma criança judia: “Vem cá, porque brincas tu com um judeu?” A resposta da criança desarma: “Não é um judeu, é um menino.” Chacour reflecte: “Antes de ser judeu, muçulmano, palestino, somos homens e mulheres. Não podemos esquecer a nossa identidade comum. O problema é que nós não educamos as nossas crianças a tornar-se homens ou mulheres, mas a tornar-se sionistas, de direita ou de esquerda, ou palestinos fanáticos, reivindicando um direito através do ódio. Deixemos de nos atirarmos pedras e de utilizar fuzis, e dêmo-nos a mão...”

Chacour insiste que é possível ter convicções profundas e, ao mesmo tempo, respeitar cada pessoa, pensar diferente do adversário, dialogar com ele e defender acerrimamente um caminho pacífico para acabar com a violência. No livro “J’ ai foi en nous – Au delà du désespoir” (Tenho fé em nós – Para lá do desespero), conta um episódio: durante o cerco a Beith Jala (junto a Belém), no Verão de 2001, o exército

israelita cerca a cidade e os palestinianos não podem sair. Muitas famílias ficam sem alimentos. O então padre Elias sabe das notícias. Um dia, recebe um grupo de sete rabis judeus e duas mulheres que querem com ele conversar sobre modos de trabalhar pela paz. Chacour diz que não tem “interesse em discutir a paz”, mas precisa “de fazer chegar toneladas de víveres a Beith Jala, onde há pessoas a morrer de fome.” Os rabinos perguntam: “O que o impede? Isso não é proibido.” “Não, mas é caro. Precisamos de dois camiões e cada camião custa setecentos dólares”, responde. Os interlocutores colocam, de imediato, 1.400 dólares sobre a mesa.

Não chega, diz Chacour, pois é preciso, também, passar a fronteira. “Não há fronteira”, respondem os rabis (vivia-se ainda antes da construção do muro entre Israel e a Cisjordânia). Mas o exército israelita pode disparar, avisa o padre. E, abrindo o jogo: “Sobre rabinos não o fará.” Os rabis perguntam quem recebe os víveres. “Os terroristas que vos atiram pedras, jovens palestinianos, virão receber esses alimentos das vossas mãos.”

A incredulidade ainda domina o grupo quando Chacour telefona a Zogbi, um cristão de Belém, partidário da não-violência, pedindo-lhe que arranje vinte jovens para descarregar e distribuir comida. Do lado de lá, após semelhante atitude de desconfiança inicial, fica combinado: “Serão rabis que vos irão entregar a comida.” No dia seguinte, às sete da manhã, a hora combinada, os jovens aparecem de trás de um muro, descarregam os camiões e oferecem de beber. O chá acaba por se prolongar por duas horas e meia.

Dias depois, dois dos rabis encontram-se com Elias Chacour de lágrimas nos olhos. “Tentámos fazer o bem toda a nossa vida, mas o bem que nos fez fazer vale muito mais que aquele que fizemos até ao presente. Estamos convencidos que podemos fazer a paz.”

O episódio serve a Chacour para concluir que judeus e palestinianos são capazes de ser solidários. “Mas quando só falam as armas, o ruído que elas provocam impede que se entendam. Depois vem a morte. É possível caminharmos juntos. Não temos escolha, se escolhermos viver.”

As suas convicções traduzem-se em afirmações que desarmam todas as lógicas – políticas, mas também religiosas ou mesmo teológicas: “Não há terra santa para mim. Há apenas um povo que é necessário santificar. (...) Uma terra não é muçulmana nem judaica. Ela não pertence nem ao islão nem ao judaísmo. Mas é ao islão e ao judaísmo que cabe aprender a pertencer a uma certa terra, a viver em conjunto, a partilhar e a ser parceiros.” Como quando recorda que os judeus esperam a vinda do Messias, enquanto os cristãos acreditam que ele já veio, afirma: “Trabalhemos juntos para que ele apareça. Assim, ele nos dirá se voltou, se volta ou se vem.” Ou quando fala a propósito das divisões entre cristãos e diz que Deus não é cristão: se o fosse, seria católico, melquita, protestante ou reformado? – pergunta.

A mudança de olhar que Chacour pretende resume-a ele assim: “Não encontrarei repouso enquanto as crianças judias e palestinianas não se olharem nos olhos dizendo uma às outras: Vós sois a mais bela criação de Deus.” Em hebraico, recorda, a palavra “guerra” significa “aproximar-se demasiado um do outro”, a ponto de não se conseguir respirar. A paz significa “afastar-se um pouco, para que eu possa respirar”

Um dia, dizia-lhe o anterior bispo: “Padre Chacour, esta escola é o projecto da sua vida.” Ele respondeu: “Não. O projecto da minha vida é antes de tudo Jesus Cristo, que eu vejo através de cada muçulmano, cada palestiniano, cada cristão palestiniano, cada judeu israelita que sou levado a encontrar. O projecto da minha vida é conquistar os seus corações, de acrescentar um sorriso aos seus rostos e de enxugar ao menos uma das suas lágrimas. Esse é o projecto da minha vida.”

2. Etty Hillesum, a mulher que morreu em Auschwitz e não sabia ajoelhar

Judia mas pouco religiosa, de esquerda mas não alinhada, vincadamente livre, com um comportamento sexual que escandalizava os seus amigos mais liberais – amante de vários homens, fez um aborto. Mesmo com tal cartão de identidade, Esther (Etty) Hillesum, holandesa, autora de um diário intenso nos dois últimos anos da sua vida, antes de morrer em Auschwitz, exprime uma religiosidade radical, entre a descoberta pessoal de Deus e a experiência limite do sofrimento e da morte num campo de concentração.

É nesse limite de quem é voluntariamente deportada e recusa as ofertas de fuga, que Etty redige 700 páginas densas do diário (mais as cartas, escritas no campo de Westerbork, onde Etty trabalha entre 1942 e 43. O diário, iniciado em 9 de Março de 1941, aos 27 anos, e as cartas de Etty Hillesum não são apenas mais um belo testemunho ao jeito de Anne Frank. Neles há também uma profunda reflexão sobre a tragédia, em paralelo com um percurso interior único, no qual Etty encontra Deus: “Há em mim um poço muito profundo. E nesse poço está Deus. Por vezes consigo chegar-lhe. Mas a maior parte das vezes, pedras e entulhos obstruem esse poço, e Deus permanece enterrado. Então é preciso pô-lo a descoberto.”

Etty nem sempre convive bem com esse apelo da transcendência: “Não sou capaz de ajoelhar-me bem. Porquê? Há em mim uma inclinação crítica, racionalista e inclusivamente ateia. Contudo, sinto em mim, de vez em quando, uma profunda aspiração a ajoelhar-me, com as mãos no rosto, e a encontrar assim uma paz profunda, pondo-me à escuta de uma fonte escondida no mais profundo de mim mesma.”

Etty, como outros judeus, não podia comprar comida em muitas lojas (a dada altura, nem sequer podia comprar comida, de todo), tinha que se deslocar a pé (mesmo a bicicleta era proibida), o seu quotidiano, mesmo antes de internada em Auschwitz, era um inferno. Mas, para ela, o mal não eram os alemães – mesmo se também ela alinha em provocar e irritar os seus amigos alemães. “O mal que está nos outros está também em nós e não vejo outra solução senão recolhermo-nos em nós mesmos e deitar fora o nosso mal. (...) A barbárie nazi pode despertar em nós outra barbárie, que poderia utilizar os mesmos métodos se pudéssemos fazer hoje o que quiséssemos. Devemos extirpar esta barbárie de nós mesmos. Não nos é permitido alimentar este ódio em nós; se o fizermos, o mundo não dará um só passo para sair deste atoleiro em que nos encontramos.”

O olhar de Etty que mais nos desconcerta é quando ela se confronta com esse território do mal absoluto. Onde muitos vêem o silêncio de Deus, Etty diz: “É necessário que alguém sobreviva para testemunhar que Deus estava vivo, mesmo num tempo como este. E porque não haveria de ser eu essa testemunha?”

3. Luther King, como um pequeno gesto pode fazer sonhar o mundo

A 1 de Dezembro de 1955, Rosa Parks, uma costureira negra de 42 anos foi presa na cidade de Montgomery (Alabama, Estados Unidos da América) por se ter recusado a dar o lugar a um branco no autocarro em que seguia. De acordo com as leis de segregação e os costumes da cidade, Rosa tinha que se levantar quando já não houvesse lugar nas quatro filas da frente para os passageiros brancos.

“É verdade que me doíam os pés, e que num primeiro momento foi isso que me levou a ficar sentada. Mas a verdadeira razão porque não me levantei foi por achar que tinha o direito de ser tratada como outro passageiro qualquer. Já tínhamos sofrido

demasiado tempo aquele tratamento desumano”, recordaria a própria numa entrevista, em 1992. Sem que a própria o soubesse, esta dor dos pés de Rosa Parks, que morreu com 92 anos em Outubro de 2005, viria a ser o primeiro passo de uma longa marcha pelos direitos cívicos dos negros norte-americanos.

No dia seguinte, Martin Luther King, um jovem pastor da Igreja Baptista que estava na cidade há pouco mais de um ano, recebe um telefonema madrugador. E.D.Nixon pagara os 14 dólares de fiança para Rosa esperar o julgamento em liberdade. Ao telefone, quando King atende, Nixon esquece-se de lhe dar os bons dias e vai directo ao assunto: “Acho que está na altura de boicotar os autocarros. Só com um boicote podemos conseguir fazer com que estes tipos percebam que não vamos suportar mais este tipo de tratamento.”

Antes do telefonema, conta o próprio King, E.D.Nixon telefonara ao pastor Ralph Abernathy, da Primeira Igreja Baptista da cidade, tendo ambos concordado com o boicote. King também adere à ideia.

À noite, a dúvida assalta-o: seria o método “intrinsecamente anticristão” e uma “forma negativa de resolver o problema”? Não: tratava-se apenas de “deixar de pactuar com um sistema pernicioso”, uma ideia do ensaio de Henry David Thoreau sobre a desobediência civil. E deixará de falar em boicote, passa a referir-se a um acto colectivo de não-colaboração.

A pé, de bicicleta, à boleia, de táxi. Aquele 5 de Dezembro, a segunda-feira da acção programada, é o primeiro de 381 dias em que os negros de Montgomery utilizam todos os meios possíveis nas suas deslocações. Todos, menos o autocarro. No mesmo dia, Rosa Parks é condenada, em tribunal, ao pagamento de 14.000 dólares – mas recorre. O sucesso da não-colaboração e a sentença judicial levam à criação de uma organização mais consistente. King, então com 26 anos, é o escolhido para liderar o processo. Ao fim de 14 meses, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos declara inconstitucional a segregação nos autocarros.

Não lhe vale de muito o não ter inimigos quando tudo começa: a 30 de Janeiro de 1956, menos de dois meses depois do início da não-colaboração, a casa de King é atacada à bomba. A mulher, Coretta e a filha, Yolanda Denise, bebé de dois meses, estão em casa mas nenhuma delas sofre nada. Já de madrugada, o sogro de Luther King vem à cidade, para levar a filha e a neta para as proteger. “Desculpe, pai, mas não vou deixar o Martin sozinho numa hora destas. Tenho de ficar ao lado dele até que a luta chegue ao fim.” A mulher será um apoio indispensável na luta de Luther King, como o próprio repetirá várias vezes. Coretta morre em Janeiro de 2006.

Após o ataque bombista, a opção pela não-violência como atitude cristã fica ainda mais evidente: “Para mim, cedo se tornou claro que a doutrina cristã do amor, posta em prática pelo método da não-violência de Gandhi, era uma das armas mais poderosas de que o Negro podia dispor na sua luta pela liberdade”. A sua opção alicerça-se mais quando, em Fevereiro e Março de 1959, Martin e Coretta visitam comunidades gandhianas na Índia. Em 2006, cinquenta livros do Mahatma ou a ele dedicados integram o espólio de King que nessa ocasião é vendido.

Na Sexta-Feira Santa de 1963, ao ser detido após uma manifestação, afirma, tranquilo: “Depois de Sexta-Feira Santa vem sempre a Páscoa.” Robert Miller, um dos biógrafos, atribui-lhe a frase quase profética: “Se a morte física é o preço que tenho de pagar para libertar o meu irmão branco e todos os meus irmãos e irmãs da morte permanente do espírito, então nada poderá ser mais redentor.”

A 28 de Agosto de 1963, Martin Luther King preside à Marcha pelo Emprego e pela Liberdade, que reúne pelo menos 250 mil pessoas em Washington. No discurso,

depois de olhar a multidão, King abandona o texto preparado e improvisa: “I have a dream...”

“Tenho um sonho: de que um dia (...) os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos donos de escravos conseguirão sentar-se juntos à mesa da fraternidade. (...) Tenho um sonho: de que os meus quatro filhos pequenos irão um dia viver num país em que não serão julgados pela cor da sua pele mas sim pelo conteúdo do seu carácter. (...) Quando todos fizermos soar o sino da liberdade, quando o fizermos soar por todas as aldeias e lugarejos (...), então sim, iremos poder apressar a chegada do dia em que todos os filhos de Deus, pretos e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, serão capazes de se dar as mãos e cantar a letra do antigo espiritual negro: ‘Finalmente livres, Finalmente livres. Obrigado, Deus Todo-poderoso, somos finalmente livres!’”

Três meses depois, a 22 de Novembro, o Presidente Kennedy é assassinado. Será já o sucessor, Lyndon Johnson, a assinar a nova Lei dos Direitos Cívicos, em Julho de 1964. No final do ano, King, com 35 anos, recebe o Nobel da Paz. “Aceito este prémio em nome de todos os que amam a paz e a fraternidade.”

Manifestações, prisões, lutas continuam por todos os Estados Unidos. A 4 de Abril de 1968, Luther King é assassinado em Memphis. Na véspera, numa igreja da cidade, ele contava o que o seu olhar já vira claramente: “Temos pela frente dias difíceis. (...) Só quero fazer o que for da vontade de Deus. E Ele permitiu-me subir ao cume da montanha. E eu olhei lá de cima e vi a terra prometida. Pode ser que não a alcance convosco. Mas quero que saibais esta noite que o nosso povo há-de alcançar a terra prometida. (...) Não estou preocupado com nada. Não estou com medo de ninguém. Os meus olhos viram a glória da chegada do Senhor.”

4. Abbé Pierre, o incansável de Deus

Henri Grouès de seu nome de baptismo, nasceu em 5 de Agosto de 1912 em Lyon, numa família numerosa – há mais de uma década já ele tinha 123 sobrinhos. Estudou com os jesuítas mas entrou aos 19 anos nos Franciscanos Capuchinhos. Já no tempo da ocupação nazi entrou na clandestinidade em 1942, entrando na Resistência à ocupação da França pelos nazis, ajudando judeus e outros militantes. Esteve preso em 1944 às ordens dos alemães, mas conseguiu escapar. Foi, depois, deputado entre 1945 e 1951.

Nesse período dedica-se a apoiar mães e crianças em dificuldade. É um acaso o que o leva a criar os Companheiros de Emaús. Em Julho de 1995, em entrevista numa das suas vindas a Portugal, o próprio contava-me:

“Um dia chamaram-me por causa de um homem que tinha tentado suicidar-se. Não morrera e contou-me a sua vida. Quando tinha 20 anos, num drama familiar, matara o pai e fôra condenado a prisão perpétua e enviado para a Guiana. Mas depois de 20 anos foi libertado e, quando voltou, viu a sua mulher viver com outro e com outros filhos e, desesperado, quis matar-se.

“Quando ele me contou a sua vida, eu disse-lhe: ‘George, tudo isso é terrível, mas eu não posso fazer nada. Sou deputado mas todo o meu dinheiro foi gasto e tenho dívidas por causa de famílias com crianças que vivem em caves e em condições insuportáveis. Eu não te posso dar nada, porque tenho dívidas. Mas tu, uma vez que queres morrer, não tens nada que te embarace. Antes de te matares, não queres ajudar-me a acabar algumas destas casas para essas mães que choram?’

“Não foi dizer ao desgraçado ‘toma, que eu dou-te’, mas dizer-lhe ‘outros precisam de ti’. Ele repetiu-me, quando morreu 15 anos mais tarde: ‘Mesmo que me

tivessem dado trabalho, dinheiro, uma casa, eu teria recomeçado o suicídio. Mas pedindo-me que trabalhasse consigo, em conjunto, e em favor de outros, reencontrei a razão de viver: amar, sofrer para que os outros sofram menos’.

“Este homem veio viver comigo e, nesse dia, a primeira comunidade de Emaús começou com um padre, deputado por acidente de guerra, e um assassino e suicida mal sucedido. Estes dois decidiram em conjunto dedicar todas as suas energias e o seu tempo livre aos mais infelizes que eles.”

Em 1954, durante um Inverno especialmente rigoroso, o Abbé Pierre lançou o apelo à “insurreição da bondade”, como lhe chamou. O apelo foi renovado 40 anos mais tarde, em 1994 (e de novo em 2005, em plena Assembleia Nacional), para denunciar o “cancro da pobreza”, pedir apoio para os mais de 400 mil sem-abrigo franceses e defender o direito ao alojamento digno para todos. Contava ele ainda na citada entrevista:

“Deixei o Parlamento ao fim de sete anos. Mas no dia em que saí, já éramos 18 na casa, não havia mais dinheiro e, à noite, um dos meus companheiros, percebendo que eu tinha ido mendigar, disse-me que não aceitava que eu fosse mendigar por eles.

“Eu disse que já não havia que comer. E dois deles disseram-me que conheciam o meio de ter dinheiro necessário para viver sem mendigar. E explicaram-me que quando andavam perdidos, tinham feito trabalho de recuperação. Na nossa sociedade há um desperdício enorme — deitam-se fora rádios, bicicletas, etc.. E se conseguirmos recolher tudo isso, separá-lo, reordená-lo e vendê-lo, conseguiremos ter o dinheiro suficiente.

“Nos 350 grupos [hoje são cerca de 400] que temos no mundo, calculamos que, depois de termos alimentado toda a gente, pago a segurança social e as férias, damos cerca de 15 milhões de dólares [dois milhões e duzentos mil contos] cada ano.

“E a nossa primeira regra é que, se não estamos doentes, recusamos ofertas. Queremos que o nosso pão seja ganho pelo nosso trabalho. É a primeira reabilitação. A segunda regra é a partilha. Quer dizer: o homem muito forte que pode carregar toneladas, não é mais que o velhinho que só pode ajudar. Terceiro, queremos trabalhar mais que o suficiente, para sermos – os humilhados de ontem – capazes de dar.”

Em relação à realidade actual, dizia o Abbé Pierre:

“Não creio que seja verdade dizer que hoje no mundo há mais indiferença relativamente aos pobres, mais que em outras épocas. A realidade é que a Terra está num momento como nunca houve na história: é a primeira vez que tudo é planetário. Não podemos nunca dizer, diante de qualquer tragédia, que não sabíamos. Não é verdade, agora sabemos tudo.

“O pior, o maior mal é a pessoa sentir-se inútil, supérflua na Humanidade. Essa é a pior pobreza, sentir que se está a mais, que ninguém tem necessidade de si. E como não se é essencial, há um fundo ao qual se vai todos os meses estender a mão para que nos dêem de comer.”

No livro “Testamento”, ele sintetiza o seu modo de olhar: “Se posso transmitir uma certeza aos que vão conduzir a luta para instilar mais humanidade em tudo, será (decididamente, não posso escrever outra coisa): ‘Viver é aprender a amar’.” Foi esse o seu modo de viver.

5. Simone Weil e o olhar que salva

Escreve Simone Weil, em “Espera de Deus”:

“Quando aprendemos a dirigir o olhar para a pureza perfeita, só a duração limitada da vida humana impede a segurança de que, salvo traição, se alcançará a perfeição neste mundo. Porque somos seres finitos; o mal em nós também é finito. A pureza que se oferece aos nossos olhos é infinita. Por pouco mal que destruíssemos a cada olhar, é certo que, se não houvesse limite de tempo, repetindo suficientes vezes a operação, todo o mal seria um dia destruído. Teríamos então ido até aos confins do mal, segundo a expressão do Bhagavad-Guitá. Teríamos destruído o mal para o Senhor da Verdade, e levar-lhe-íamos a verdade, como dizia o Livro dos Mortos egípcio.

“Uma das verdades capitais do cristianismo, hoje muito ignorada por todos, é a de que é o olhar que salva. A serpente de bronze foi erguida para que os homens, que jazem mutilados no fundo da degradação, a olhem e sejam salvos. (...)

“O esforço pelo qual a alma se salva assemelha-se àquele pelo qual se olha, pelo qual se escuta, pelo qual uma noiva diz sim. É um acto de atenção e consentimento.”

O olhar salva o mundo? Mas quantas vezes dizemos que “é sempre a mesma coisa”? Mesmo assim, quantas histórias pessoais temos em que a mudança de olhar ajudou a mudar um qualquer aspecto da nossa vida? E Jesus não viveu episódios que significaram um diferente modo de olhar? Será possível mudar alguma coisa que pareça pequena, pouca, mas que pode alterar a realidade – pessoal, profissional, social, política? E como ter o olhar de bondade e exigência, e de esperança, que Jesus tinha perante as pessoas?

Ficam as perguntas.

(*) nos pontos 1-4, o texto recolhe elementos que reelaborei a partir de artigos que escrevi no “Público” e no anuário “Janus 2007” (ed. Público/Universidade Autónoma)

Referências bibliográficas

- Irmão Roger de Taizé, “Deus só pode amar”, ed. Gráfica de Coimbra
Irmão Roger de Taizé, “O seu amor é um fogo”, ed. Paulistas;
Kathryn Spink, “A Vida do Irmão Roger”, ed. Apostolado da Oração
Olivier Clément, “Taizé Um Sentido para a Vida”, ed. Paulus
Eliás Chacour, “J’ai foi en nous – Au delà du désespoir”, ed. Presses de la Renaissance (www.presses-renaissance.fr)
Paul Lebeau, “Etty Hillesum – Un itinerario espiritual”, ed. Sal Terrae (www.salterrae.es)
Clayborne Carson (org.), “Eu tenho Um Sonho – A Autobiografia de Martin Luther King”, ed. Bizâncio
Mahatma Gandhi, “Mi Vida es mi mensaje”, ed. Sal Terrae (www.salterrae.es)
Henry David Thoreau, “A Desobediência Civil”, ed. Antígona
Abbé Pierre, “Testamento”, ed. Notícias
Abbé Pierre, “Fraternidade”, ed. Notícias
Simone Weil, “Espera de Deus”, ed. Assírio & Alvim